

Lygia
Fagundes
Telles
A Estrutura
da Bolha
de Sabão

Contos

Nova edição revista pela autora

POSFÁCIO DE

Alfredo Bosi

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1991, 2010 by Lygia Fagundes Telles

Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO
raul loureiro / claudia warrak
sobre detalhe de *Sabor Cereja*,
de Beatriz Milhazes, 2006, colagem,
169 x 144,5 cm. Coleção particular.
Reprodução de Fausto Fleury.

FOTO DA AUTORA

Adriana Vichi

PREPARAÇÃO

Cristina Yamazaki/ Todotipo Editorial

REVISÃO

Marise Leal
Ana Maria Barbosa

Os personagens e as situações desta obra
são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos,
e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Telles, Lygia Fagundes

A Estrutura da Bolha de Sabão : Contos / Lygia Fagundes Telles;
prefácio de Alfredo Bosi. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Nova edição revista pela autora

ISBN 978-85-359-1634-8

1. Contos brasileiros I. Bosi, Alfredo. II. Título

10-01983

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.93

[2010]

Todos os direitos reservados à

EDITORAS SCHWARZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Este livro já teve outro título e passou por algumas aventuras mas creio que interessa agora contar apenas como começou tudo. Paulo Emílio e eu tomávamos café da manhã quando de repente ele contou que tinha em Paris um jovem amigo físico, o Jean Oury que estudava a estrutura da bolha de sabão. Encarei o Paulo com espanto, a estrutura da bolha de sabão?!... Mas a bolha de sabão não tem nenhuma estrutura, ah! essas bolas eu conhecia desde a infância, quando nos vastos quintais colhia no mamoeiro o canudo mais fino, enchia a caneca d'água com sabão diluído, sentava no chão, mergulhava o canudo na espuma e soprava as belas bolas coloridas. Subiam livres, desafiantes e refletindo a paisagem, o céu... Eu corria atrás das bolhas maiores para protegê-las, o medo que se chocassem na árvore, chegava a gritar, Olha o muro!... Quando tive caxumba levei a caneca para o meu quarto e assim na intimidade descobri que as bolas nasciam maiores mas aumentavam os perigos e eu avisando, Olha o armário, a vidraça! Estouravam e pela parede escorria aquele fio de espuma. E esse físico estudava a estrutura dessas bolas? Paulo acendeu o cigarro e riu, Acho que você devia conversar com meu amigo... Invente agora um personagem também físico, suas mulheres, suas paixões e escreva um conto... Alguns dias depois o nosso gato subiu na minha mesa, acomodou-se no meio da papelada, fez rom-rom e fechou os olhos. Pousei a caneta, acariciei-lhe a cabeça e disse baixinho, Não conte a ninguém, mas descobri, a bolha de sabão é o amor.

LYGIA FAGUNDES TELLES

Sumário

A ESTRUTURA DA BOLHA DE SABÃO

A Medalha 13

A Testemunha 21

O Espartilho 31

A Fuga 67

A Confissão de Leontina 75

Missa do Galo (Variações sobre o Mesmo Tema) 113

Gaby 123

A Estrutura da Bolha de Sabão 157

SOBRE LYGIA FAGUNDES TELLES E ESTE LIVRO

Posfácio — *A decomposição do cotidiano em contos de Lygia Fagundes Telles*, Alfredo Bosi 167

Crônica — *Os marcados*, Carlos Drummond de Andrade 175

A Autora 177

A Medalha

Ela entrou na ponta dos pés. Tirou os sapatos para subir a escada. O terceiro degrau rangia. Pulou-o apoiando-se no corrimão.

— Adriana!

A moça ficou quieta, ouvindo. Teve um risinho frouxo quando se inclinou para calçar os sapatos, Ih! que saco.

Fez um afago no gato que lhe veio ao encontro, esfregando-se na parede. Tomou-o no colo.

— Romi, Romi... Então, meu amor?

— Adriana!

Assustado com o grito, o gato fugiu espavorido pela escada abaixo. Ela prosseguiu sem pressa, arrastando os pés. O quarto estava iluminado. Empurrou a porta.

— Acordada ainda, mãe?

A mulher fez girar a cadeira de rodas e ficou defronte à porta. Vestia uma camisola de flanela e tinha um casaco de tricô atirado nos ombros. Os olhos empapuçados reduziam-se a dois riscos pretos na face amarela.

— Precisava ser *também* na véspera do casamento? Pre-

cisava ser na véspera? — repetiu a mulher agarrando-se aos braços da cadeira.

— Precisava.

— Cadela. Já viu sua cara no espelho, já viu?

A moça encostou-se no batente da porta. Abriu a bolsa e tirou o cigarro. Acendeu-o. Quebrou o palito e ficou mascando a ponta.

— Acabou, mãe? Quero dormir.

A mulher aproximou mais a cadeira. Fechou no peito ca- vado a gola do casaco. Falou em voz baixa, com suavidade.

— Na véspera do casamento. Na *vés-pe-ra*. Você já viu sua cara no espelho? Já se olhou num espelho?

— E daí? O véu vai cobrir minha cara, o véu cobre tudo, ih! tem véu à beça. Vou dar uma beleza de noiva, mãe, você vai ver. Preferia me meter no meu colante preto mas seu gen- ro é romântico, aquelas ondas...

— Cínica. Igualzinha ao pai. Ele ia achar graça se te visse assim, aquele cínico.

— Não fale do meu pai.

— Falo! Um cínico, um vagabundo que vivia no meio de vagabundos, viciado em tudo quanto é porcaria. Você é igual, Adriana. O mesmo jeito esparramado de andar, a mes- ma cara desavergonhada...

— Ele era bom.

— Bom! Aquilo então era bondade? Hein? Um debochado, um irresponsável completamente viciado, igualzinho a você. Imagine, bom... Estou farta desse tipo de bondade, quero gente com caráter, sabe o que é caráter? É o que ele nunca teve, é o que você não tem. Na véspera do casamento...

— Na véspera ou no dia seguinte, que diferença faz?

A mulher sacudiu-se na cadeira.

— Às vezes nem acredito. Uma filha assim, eu não acredito.

A moça esfregou os olhos congestionados. O rímel das pestanas deixou nas pálpebras dois grossos aros de carvão.

— Sou ótima, mãe. Uma ótima menina, é o que todo mun- do diz.

A mulher quis abotoar o casaco. Faltavam botões. Fechou a gola na mão.

— Por que não se casa com ele? Hein? Vamos, Adriana, por que não se casa com ele?

— Com ele quem?

— Com esse vagabundo que acabou de te deixar no portão.

— Porque ele não quer, ora.

— Ah, porque ele não quer — repetiu a mulher. Parecia triunfante. — Gostei da sua franqueza, *porque ele não quer*. Ninguém quer, minha querida. Você já teve dúzias de homens e nenhum quis, só mesmo esse inocente do seu noivo...

— Mas ele não é inocente, mãezinha. Ele é preto.

A mulher respirou com dificuldade. Abriu nos joelhos as mãos cor de palha. Inclinou-se para a frente e baixou o tom de voz.

— Por que você diz isso?

Adriana deixou cair o cigarro e vagarosamente esmagou a brasa no salto do sapato. Passou a mão indolente pelos cabelos oxigenados de louro. Apanhou uma ponta mais comprida, levou-a até a cara e ficou brincando com o cabelo no lábio arregaçado.

— Olha só o meu bigode, mãe, agora tenho um bigode!

— Responda, Adriana, por que você diz isso? Que ele é preto.

A moça abriu a boca para bocejar. Desatou a rir.

— Oh! meu Deus... Porque é verdade, querida. E você sabe que é verdade mas não quer reconhecer, o horror que você tem de preto. Bom, não deve ser mesmo muito agradável, concordo, um saco ter uma filha casada com um preto, ih! que saco. Preto disfarçado mas preto. Já reparou nas unhas dele? No cabelo? Reparou, sim, você é tão esperta, um faro! Sou branca, tudo bem, mas meu sangue é podre. Então é o sangue dele que vai vigorar, entendeu? Seus netos vão sair moreninhos, aquela cor linda de brasileiro.

— Chega, Adriana.

— Não chega não, eu queria dormir, lembra? Então é isso

daí, nunca vi ninguém reconhecer preto assim fácil como você, um puta faro. O tipo pode botar peruca, se pintar de ouro e de repente num detalhe, aquele detalhinho...

Inclinou-se para apanhar a bolsa que caiu. Catou vacilante o pente e o espelho, quis ainda alcançar o lápis que rolou no assoalho, desistiu do lápis, Ih!... Levantou-se apertando a bolsa contra o peito, a outra mão apoiada na maçaneta da porta. Respirou penosamente, a boca aberta. Encarou a mulher.

— Tudo bem?

— Tudo bem, Adriana. Tenho é muita pena desse moço. Seu noivo. Casar com uma coisa dessas, imagine.

— Mas ele vai ser podre de feliz comigo, mãezinha. Podre de feliz. Se encher muito, despacho o negro lá pros States, tem uma cidade lindinha, como é mesmo?... O nome, eu sabia o nome, ah! você já ouviu falar, você adora ler essas notícias, não adora? Espera um pouco... pronto, lembrei, Little Rock! Isso daí, Little Rock. A diversão lá é linchar a negrada.

A mulher retesou-se inteira, como se fosse saltar. Ficou de repente maior, os olhos mais brilhantes. O tronco se aprumou com arrogância, rejuvenescido. Mas, aos poucos, foi afrouxando os músculos. Voltou a diminuir de tamanho, a cabeça inclinada para o ombro. A voz começou baixa.

— Você não pode mais me ferir, Adriana. Ele também não conseguia. O seu pai. Podia fazer o que quisesse, dizer o que quisesse. Não me atingia mais. Ficava aí na minha frente com essa sua cara, a se retorcer feito um vermezinho viciado e gordo...

— Emagreci seis quilos.

— E gordo. Nada mais me atinge, Adriana. É como se ele voltasse, nunca vi uma coisa assim, vocês dois são iguais. Ele morreu e encarnou em você, o mesmo jeito mole, balofa. Sujo. Na minha família todas as mulheres são altas e magras. Você puxou a família dele, tudo com cara redonda de anão, cara redonda e pescoço curto, olha aí a sua cara. E a mãozinha de dedinho gordo, tudo anão.

Adriana continuava segurando a maçaneta, o corpo vacilante, o risinho frouxo. Apoiara-se numa perna, a outra ligeiramente flexionada. Calçava e descalçava o sapato decotado, com uma fivela de pedrinhas verdes.

— Acabou, querida? Quero dormir.

A luz da manhã já se insinuava na vidraça. A mulher fez um gesto mortiço na direção da janela.

— Fiz o que pude.

— Então, ótimo. Tudo bem, agora queria dormir um pouquinho, posso?

— Um instante ainda — disse a mulher e a voz subiu fortalecida, veemente. — Ah, me lembrei agora, era Naldo, não era? O nome daquele seu primo, o primeiro da lista. Nem quinze anos você tinha, Adriana, nem quinze anos e já se agarrando com ele na escada, emendada naquele devasso.

— Ele não era devasso.

— Não? E aquelas doenças todas? Vivia dependurado em negras, viveu anos com aquela empregada peituda, pensa que não sei?

— Ele não era um devasso. E ele me amou.

— Amou... Fugiu como um rato quando foram pilhados, o safado. Fugiu como fugiram os outros, nenhum quis ficar, Adriana, nenhum. Vi dezenas deles, casados, divorciados, toda uma corja te apertando nas esquinas, detrás das portas, uma corja que nem dinheiro tinha para o hotel. Um por um, fugiram todos.

— Ele me amou.

Um galo tentou prolongar mais seu canto e o som saiu difícil, rouco. A mulher fez um movimento de ombros e o casaco escorregou para o assento da cadeira. Apontou a cômoda.

— Vai, abre aquela caixa ali em cima... Abriu? Tem dentro uma medalha de ouro que foi da minha avó. Depois passou para minha mãe, está me ouvindo, Adriana? Antes de morrer minha mãe me entregou a medalha, nós três nos casamos com ela. Tem também a corrente, procuro depois. Você se casa amanhã, hum? Leva a medalha, é sua.